

Monopólio da virtude

Lourenço Cazarré

De uns tempos para cá, virou moda falar mal de Brasília. Quem se apresentar nos jornais e tevês do eixo Rio-São Paulo disposto a desancar a capital da República tem espaço assegurado. Basta, parodiando Sadam Hussein, insinuar que esta cidade é a mãe de todos os vícios. Existem duas teorias para explicar esse fenômeno, uma humorística e outra pretensamente séria, mas as duas com bastantes probabilidades de serem corretas.

Começemos pela humorística. Dizem que no Brasil existe uma espécie de Triângulo das Bermudas das maracutaas nacionais, que tem suas pontas no Rio, em São Paulo e em Belo Horizonte. Na cidade maravilhosa, a grana do País teria sido sugada, entre outros grossos trambiques, pela máfia do INSS que hoje — de celular em punho e dinheiro na Suíça — goza de merecido repouso em edifícios públicos. Como todos devem estar lembrados, apenas um operador de empilhadeiras (trabalharia ele na Casa da Moeda?) meteu a mão grande numa indenização tão milionária que nem mesmo Madonna receberia caso perdesse a voz e o requebrado.

O outro vértice ficaria em Belo Horizonte, onde estão sediadas muitas das grandes empreiteiras que, contrariando o que se dizia dos mineiros, não mais trabalham em silêncio. Hoje, simplesmente, nem trabalham. Mas cobram. E como cobram! Com o dinheiro que se gastou em estradas no Brasil durante os anos do milagre — que um cético prefere chamar de anos do pré-naufrágio — certamente seria possível transformar a Rússia num autorama. A terceira ponta do triângulo estaria em São Paulo, onde se escondem os maiores fornecedores do governo. É o Estado brasileiro dos superlativos. Superfaturamento, por exemplo.

Passemos da piada ao pretensamente sério. O Rio de Janeiro nunca se consolou com o fato de perder a condição de capital. Na época da construção de Brasília, uni-

ram-se as elites mais obtusas e a porção bovina da classe média para torpedear a construção da nova capital. Nunca perceberam que ela estava sendo erguida cem anos depois do recomendável. Pessoalmente, acho que se deve mesmo transferir a capital brasileira. Mas não para o litoral, e sim para os confins do Mato Grosso, onde estaremos no coração da América do Sul e, o que é de fundamental importância, mais próximos dos portos peruanos no oceano Pacífico. O mundo mudou. O grosso do comércio mundial está agora concentrado naquele oceano.

Se os que moram no Rio de Janeiro — cujo processo de acelerada decadência começou com a perda do status de capital — têm uma razão pessoal para apedrejar Brasília, nos outros Estados costumam malhar a capital porque ela, sede dos Três Poderes, se confunde com essa coisa impalpável chamada "governo". No governo está a fonte de todos os males, simplifica-se. Sim, é fácil culpar o governo pelo fato de o Brasil estar estagnado há dez ou quinze anos. Atacando-se o governo, saem ilesas a rapinante elite e a classe média corporativa.

Morando há vinte anos, me incomoda bastante o fato de concentrarem o fogo sobre Brasília. Perco os cadernos quando revistas e jornais do Rio ou São Paulo fazem reportagens sobre a Ilha da Fantasia, mostrando as casas do Lago Sul. Ora, qualquer corcova sabe que as construções de Brasília não passam de casebres quando comparadas com as mansões do Morumbi. Até um cachorrinho pequenino sabe que os ricos da capital não passam de pobres remediados quando comparados aos miliardários do Rio e de São Paulo. As favelas candangas — eufemisticamente, invasões —, estas sim, são iguais às do Rio e de São Paulo. Talvez seja hora de pararem com essa campanha boba contra o Distrito Federal. Afinal, a CPI do Orçamento serviu, entre outras coisas, para mostrar que ninguém neste País tem o monopólio da corrupção. Nem seu inverso, o monopólio da virtude.